



Fig. 1: Laboratório de restauro no MARGS.
Imagem: Leo Caobelli.

ARTE/MEIO AMBIENTE

A INSTITUIÇÃO FAZ A NARRATIVA VISUAL DE UMA TRAGÉDIA CLIMÁTICA

MARIA AMELIA BULHÕES
ABCA/RIO GRANDE DO SUL

Resumo: Inserido na editoria de arte e meio ambiente, este texto reflete sobre a questão das crises climáticas e suas repercussões na vida das sociedades sob a forma de grandes catástrofes. Esta reflexão é feita a partir dos procedimentos com que o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, MARGS, enfrentou com responsabilidade, ousadia e criatividade as enchentes que assolaram o Estado e em especial a cidade de Porto Alegre.

Palavras-chave: catástrofes climáticas; Museu de Arte do Rio Grande do Sul; *Post scriptum*; memória.

Abstract: Included in the art and environment section, this text reflects on the issue of climate crises and their repercussions on the lives of societies in the form of major catastrophes. This reflection is based on the procedures with which the Rio Grande do Sul Art Museum, MARGS, faced with responsibility, boldness and creativity the floods that devastated the state and especially the city of Porto Alegre.

Keywords: climate catastrophes; Rio Grande do Sul Art Museum; *Post scriptum*; memory.

Es posible que todos los futuros que impliquen el relevo radical del statu quo deban ser contruidos mediante procesos que movilicen saberes, afectos y poderes plurales. Y deban ser concebidos con rigor reflexivo, imaginación e impulso creativo. Todos los futuros son contingentes: deberán ser ganados en cada caso.

Ticio Escobar

No início de maio de 2024, ocorreu no Rio Grande do Sul uma das mais terríveis catástrofes climáticas dos tempos atuais no Brasil. Foi quase um mês de terror, desespero, mortes, omissões e também muita solidariedade. As águas em várias regiões do Estado subiram, devastando cidades, matas e campos, chegando ao Guaíba, que subiu a uma altura máxima de 5,37 m, na maior enchente de sua história. No Rio Grande do Sul, dos seus 497 municípios, 478 foram atingidos, afetando, de uma população de 11 milhões de habitantes, 2,5 milhões, com 183 mortes e perdas materiais e imateriais incontáveis.

Sob o impacto dessa que foi a maior crise climática ocorrida no Brasil

nos últimos anos, muitas vezes fui indagada sobre o que pensava sobre ela. Buscando respostas, tive a oportunidade de localizar a lúcida e complexa compreensão do ocorrido apresentada por Rualdo Menegat em uma palestra *online*¹. O respeitado pesquisador gaúcho analisa a catástrofe climática ocorrida no RS a partir de cinco eixos. Primeiro, a emergência climática no planeta, permanentemente ampliada pelas ações humanas, tendo entre elas as sequências ininterruptas de precipitações. Segundo, a estrutura do relevo dessa região, costeira, baixa, cheia de lagos e lagoas, vale de rios que vêm do planalto, carregando para o Guaíba suas águas e seus deslizamentos de terra. Uma boca de funil em que os ventos vindos do oceano bloqueiam a saída, causando alagamentos. Terceiro, a forma de ocupação desse território, com intensidade de plantios, aumento de barreiras, monoculturas que provocam o esgotamento dos serviços de ecossistemas (banhados e matas suprimidos). As formas de absorção e escoamento naturais vão sendo tamponadas pela especulação

imobiliária. Quarto, o descaso com a infraestrutura do Estado decorrente do modelo neoliberal, que preconiza a privatização dos sistemas de proteção, gerando desmantelamento e falta de manutenção das estruturas estratégicas, como sistemas de controle de bombas d'água e sistemas de alerta e evacuação. Por último, a falta de desenvolvimento de projetos de educação que gerem inteligência social para entender seu território, adquirir e transmitir conhecimentos e tecnologias no seu manejo consciente. A análise de Menegat veio ao encontro de todos os meus questionamentos, como respostas e principalmente como suporte de reflexões sobre futuros momentos de grandes chuvas dentro deste contexto fluvial em que vivemos e das quais não estaremos livres. Em meio ao negacionismo dos administradores, a ciência nos apontava caminhos.

A cidade de Porto Alegre, capital do Estado, foi uma das mais abaladas, e, mesmo tendo um bem preparado sistema de prevenção de enchentes, este se encontrava bastante sucateado dentro do projeto neoliberal de privatizações

que tinha no seu horizonte a venda do DMAE, órgão responsável por esses equipamentos. Assim, a subida do nível do Guaíba e as comportas e bombas d'água danificadas ocasionaram no centro da cidade uma total inundação, onde só se podia percorrer em embarcações.

No meio dessa enchente, na Praça da Alfândega, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, MARGS, ficou submerso até o primeiro andar, com a água variando de 1,5 m a 2 m dentro do museu. Com isso, a reserva técnica e todo o setor administrativo, alojado no subsolo, foram tomados de água e lama. Poucos dias antes do ápice desse desastre, quando as águas começaram rapidamente a subir, a direção e os funcionários do museu, profissionais atuantes na instituição, o corpo técnico da Secretaria de Estado da Cultura do RS e muitos voluntários da área artística e cultural da cidade correram a levar as obras do acervo para o segundo piso, em uma tentativa desesperada de salvá-las. Como resultado deste difícil e penoso trabalho, a maioria do acervo pôde ser preservada, mas as estruturas do prédio, equipamentos e muitos outros objetos e documentos foram danificados. O térreo do prédio permaneceu inundado por três semanas e mesmo depois de as águas baixarem, por questões da gestão pública. O museu ainda continuou por mais de dois meses sem eletricidade, devido ao corte de fornecimento de energia, pela dificuldade de restabelecer imediatamente a subestação danificada, sendo o fornecimento de luz realizado por um gerador de uma empresa de engenharia contratada.

“E HOJE, PASSADO JÁ UM ANO DO FUNESTO EVENTO, O MUSEU AINDA SEGUE UM CANTEIRO DE OBRAS, REPENSANDO E SE REESTRUTURANDO PARA O FUTURO...”



Fig. 2 (acima) e 3 (págs. seguintes): MARGS e Memorial do Rio Grande do Sul na Praça da Alfândega alagada, 2024. Imagens: Alan Mendonça.



O processo de recuperação dessa tragédia que manteve o museu fechado ao público por sete meses foi um processo doloroso. Ver a cada dia as marcas do desastre e a morosidade na liberação de recursos para a necessária reconstrução foi desesperante e exigiu de toda a equipe, capitaneada pelo diretor Francisco Dalcol, uma dedicação e uma resiliência que talvez eles mesmos nem acreditassem ter antes disso. O museu precisou passar por uma reforma total de seus espaços e equipamentos, pois a parte mais importante da reserva técnica, que antes ocupava o subsolo, foi levada para o segundo piso, e hoje, passado já um ano do funesto evento, o museu ainda segue um canteiro de obras, repensando e se reestruturando para o futuro. Vivemos em uma região muito baixa e sujeita a alagamentos, e além disso o Guaíba sofreu enormes aterros ao longo de vários anos, como se pode ver pelo gráfico abaixo. É preciso desfrutar dessa paisagem, mas também saber viver com ela. As enchentes podem continuar a fazer parte de nossa história e por isso precisamos estar adaptados e prevenidos, e o museu

está preparando seus espaços para melhor enfrentar essa circunstância. São muitas e grandes as mudanças que estão ocorrendo no prédio, resultantes de recursos obtidos, via projetos, com recursos do Banrisul, da Secretaria de Estado da Cultura, da Defesa Civil da União, além de colaborações obtidas pela Associação de Amigos do MARGs e também da Lei Rouanet emergencial no contexto das instituições e estruturas afetadas. Assim, em 6 de dezembro de 2024, ainda em pleno processo de recuperação, o museu, em um ato de coragem e criatividade, reabriu suas portas ao público com a impactante mostra *Post scriptum: um museu como memória*.

Nela, o espectador podia adentrar um pouco na absurda e dramática realidade que foi vivida nesses meses, assim como nos esforços, amor à arte, dedicação e competência profissional necessárias para que o MARGs emergisse como uma Fênix das cinzas. Na abertura da exposição muitas emoções fervilhavam no ar, e todos que lá estavam sentiram-se parte de um momento histórico inesquecível:

o museu estava vivo e muito vivo, purgando sua dor e com energia para se refazer.

A mostra, articulando uma ampla documentação da enchente com trabalhos artísticos recentes e obras do seu acervo, ocupou todo o primeiro piso. Distribuída em cinco núcleos: A praça e o MARGs, Imagens que nos olham, Obras recuperadas, O inconsciente do museu e Laboratório de restauração, tudo foi documentado em um primoroso catálogo de 252 páginas, verdadeiro documento histórico de um grande trauma climático. Uma exposição que tocava o olhar e o coração, complexa, possibilitando inúmeras leituras, da qual é muito difícil fazer um relato neste texto, mas que tentarei dar algumas ideias de sua configuração estrutural e do que passava ao espectador.

O primeiro núcleo, com o tema “A praça da Alfândega e o prédio do MARGs”, focou a enchente, retomando eventos anteriores, como a famosa enchente de 1941, que igualmente atingiu a região do centro da cidade. Organizada com gráficos, fotografias e obras do

acervo e outros trabalhos artísticos que abordaram a praça e o prédio do museu, ícones arquitetônicos da capital. Ali era possível perceber a região como território histórico da arte e as consequências desastrosas da enchente. No centro deste núcleo estavam instaladas duas mesas de restauro, onde se podia ver o processo de recuperação de obras em tempo real, com os profissionais trabalhando ao vivo. Essa estratégia cumpria dupla função, oferecendo ao público uma visão da situação das obras e dos processos de trabalho, ao mesmo tempo em que disponibilizava um espaço do museu para esse trabalho, uma vez que muitos locais estavam inviáveis para qualquer utilização, seja pela destruição das águas, seja pelas reformas necessárias. O diálogo de tempos presente neste núcleo era muito instigante: um passado histórico de enchentes em seus documentos, o presente nas obras artísticas expostas e um devir no processo de restauração. Ali estavam as consequências da inundação e as ações para reverter danos, a tragédia e possíveis futuros.



Fig. 4 (acima), 5 e 6 (págs. seguintes): Núcleo “A praça da Alfândega e o prédio do MARGs”. Imagens: Leo Caobelli.



*“COMO EXPERIÊNCIAS TRÁGICAS COMO
A ENCHENTE DE 2024 PODEM INFLUENCIAR
MODOS DE VER, PERCEBER E SUBJETIVAR?”*

No segundo núcleo, “Imagens que nos olham”, a curadoria colocava a seguinte questão: Como experiências trágicas como a enchente de 2024 podem influenciar modos de ver, perceber e subjetivar? Nela, estão objetos artísticos que, relacionados à água, à cidade, à ação do homem e às alterações no ambiente natural, são capazes de invocar imaginários e ativar sensibilidades, abrindo memórias a partir da realidade em que estão inseridas.

Fig. 7 (dir.), 8 e 9 (págs. seguintes): Núcleo “Imagens que nos olham”. Imagens: Leo Caobelli.





No núcleo “Obras recuperadas”, era possível ver um conjunto expressivo do acervo (ao menos 300 fotografias, 100 desenhos, 2.400 gravuras, cerca de 100 pinturas, 100 esculturas e em torno de 150 técnicas mistas) que já havia sido recuperado, passando por um complexo processo de estabilização e recuperação. Elas eram aquelas que, apesar dos esforços preventivos que resgataram cerca de 4 mil itens de mais de 700 artistas, de algum modo foram atingidas pelo alcance das águas e pela umidade no interior do prédio por um longo tempo (pela falta de energia elétrica, que desativou o controle de temperatura e o sistema de climatização). Uma boa oportunidade de rever obras há muito na reserva e longe do olhar do público.



Fig. 10 e 11: Núcleo “Obras recuperadas”.
Imagens: Leo Caobelli.

“O inconsciente do museu” era o núcleo alocado nas Salas Negras, onde foram abordados aspectos da inundação no interior do térreo do museu. Este era, sem dúvida, o espaço mais impactante da mostra. “Ao reunir imagens e objetos que se referem a uma realidade de um ambiente que não existe mais, ao menos como era antes, a exposição explorou nesta seção os processos de constituição e apagamento de memória, a partir da ideia do que seria um inconsciente do museu” (CATÁLOGO, 2024, p. 200). Vídeos e fotos feitos do local durante a enchente, além de obras específicas feitas a partir do que foi a tragédia deste espaço, compunham este núcleo.

Fig. 12 (dir.), 13 e 14 (págs. seguintes): Núcleo “O inconsciente do museu”. Imagens: Leo Caobelli.

4. O inconsciente do Museu

Esta seção da exposição aborda a **inundação no interior do térreo do MARGS**, onde o nível oscilou entre **1,5m e 2m de altura** ao longo de quase 3 semanas de alagamento.

Nesse andar, o Museu mantinha boa parte de sua **operação interna**, com os espaços de seus setores e materiais de trabalho, além da principal e mais antiga **reserva técnica do acervo**.

E também a **estrutura operacional** do Museu, com computadores, equipamentos e mobiliários, além de partes das instalações elétrica, hidráulica, de internet, telefonia, do elevador, do sistema de climatização, do alarme de incêndio e do circuito de câmeras.

Ao reunir **imagens e objetos** que se referem à realidade de um **ambiente que não existe mais**, ao menos como era antes, a exposição explora nesta seção os processos de **constituição e apagamento de memória**, a partir da ideia do que seria um inconsciente do Museu.

Na entrada, **Frantz** reapresenta uma cortina retirada do térreo do Museu quando ainda alagado. A proposição se vincula à sua produção na qual explora os limites e as convenções da pintura, a partir da seleção de objetos e materiais alheios e dos quais se apropria.

Em uma das salas, 2 projeções exibem **imagens documentais** realizadas pelos fotógrafos **Anderson Astor e Eduardo Alemão Aigner**, nas quais capturam, a partir de seus olhares *in locu*, as consequências no ambiente do andar atingido imediatamente após a descida da água. E a televisão reproduz um vídeo gravado um pouco antes, com uso de celular, que registra com imagem em movimento e som um percurso pelo térreo ainda alagado.

Já a outra sala apresenta um fragmento do trabalho **“FELINA”**, projeto que a artista **Andressa Cantergiani** vem realizando nos bastidores do MARGS desde a pandemia em 2020, dentro de uma investigação artística que parte da sua **prática em performance** e que envolve uma reflexão sobre as estruturas institucionais.

A artista concebeu para esta seção da exposição uma “aparição” de **“FELINA”**, trabalhando com **fragmentos de vídeos** que registram ações que realizou e gravou **no térreo e dentro da reserva técnica** antes e depois da inundação. De fundo, esse material acaba por fornecer o mais rico documento sobre o passado e os bastidores desse ambiente do Museu como era antes.





O quinto e último núcleo, “Laboratório de restauro”, era constituído por uma sala provisoriamente adaptada e destinada às operações de restauração, e ali o público podia ver os danos causados às obras e os processos sendo efetuados para sua recuperação. Bastante chocante, mas ao mesmo tempo didática, ela comprometia a todos nessa considerável tarefa de recuperar um acervo que é o mais importante do Estado.

“O MUSEU ESTÁ SE REINVENTANDO ARQUITETONICAMENTE NO USO DE SEUS ESPAÇOS, COISA DIFÍCIL EM UM PRÉDIO HISTÓRICO DO INÍCIO DO SÉCULO XX...”

Visitando o museu, em maio de 2025, um ano depois da enchente, pude observar um grande impulso de renovação, não somente para recuperar os danos, mas para prevenir que tragédias futuras não nos peguem despreparados. As reservas técnicas foram todas alocadas em pisos superiores e renovadas de acordo com as normas mais atuais e exigentes. O museu está se reinventando arquitetonicamente no uso de seus espaços, coisa difícil em um prédio histórico do início

do século XX. O setor funcional e administrativo permanecerá no térreo, mas agora com laptops e mobiliário leve, resistente à umidade e fácil de ser transferido em caso de novas emergências. O setor de restauro ganhou maior relevância espacial, e muitas outras funcionalidades estão sendo revistas.

Fica aqui um testemunho sobre o significado de as instituições assumirem as agendas climáticas, seja na forma de exposições como esta, seja com muitas outras práticas que ensejam o compromisso da arte com o nosso mundo. Realizando o que recomenda Rualdo Menegat em termos de desenvolvimento de projetos de educação pública que gerem inteligência social para entender seu território, adquirir e transmitir conhecimentos e tecnologias no seu manejo consciente.

Fig. 15: Núcleo “Laboratório de restauro”. Imagem: Leo Caobelli.



NOTAS

1 <https://www.youtube.com/live/2ZZEeUoG0Cc?si=A2dVaFtXIYQYQ8Hf>

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Ticio. *Aura latente. Estética/Ética/Política/Técnica*. Buenos Aires: Limon Tinta, 2021.

POST SCRIPTUM: um museu como memória. Curadoria e editoração: Francisco Dalcol. Coordenação: Natália Lehmen de Moraes e Cristina Barros. Porto Alegre, AMARGS, 2025.

ZAPPA, Regina; VITOR, Mário. TV 347. *A força das águas*. 9 de maio de 2024.

MARIA AMELIA BULHÕES

Crítica de arte, professora e orientadora do PPGAV da UFRGS, doutora pela USP, professora visitante nas Universidades de Paris I, Sorbonne e Universidade Politécnica de Valencia. Pesquisadora 1A e líder de Grupo de Pesquisa registrado no CNPq; ex-presidente da AICA Brasil e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP. Recebeu prêmios da ABCA por livro publicado (2022), pesquisador do ano da Fundação de Amparo à Pesquisa do RS (2018) e Açorianos, destaque em Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (2019). Mais informações: <http://www.ufrgs.br/artereflexoessite/>